UM MUNDO EM DORES DE PARTO
Reflexão sobre o fim do mundo a partir de Gn 6–9; 18–19

Paulo Ferreira Valério

Introdução

1. O fim do mundo: uma questão já respondida?

Apesar de a questão sobre o 'fim do mundo' já ter recebido muitas respostas adequadas, estas não parecem ter chegado aos ouvidos dos que teimam em colocá-la em termos de acontecimento catastrófico, com dia e hora marcados para ter lugar. Ou se eles chegaram a ouvir, não se convenceram. Videntes erram feio em suas previsões, corrigem-nas despudoradamente, e, mesmo assim, muitas pessoas ainda lhes dão crédito. Dentre estas encontram-se não somente os ditos simples, os iletrados, mas até mesmo os considerados instruídos e cultos: "Fico pasmado ao ver que, às portas do ano 2000, as pessoas lêem horóscopos sem jamais comparar as previsões da véspera com o que realmente aconteceu. Desconfiam dos cientistas, mas acreditam nas cartomantes, que prevêem o óbvio. Formamos uma geração de pseudo-educados, que querem ser enganados nas farmácias, pelos curandeiros que enfiam agulhas em seus pés e manipulam sua coluna, pelos ufologistas, que vêem extraterrestres chegar e sair sem ser detectados pelos radares. Uma geração que se deixa levar por benzedeiras e charlatães com suas poções, por anúncios desonestos na televisão e por pregadores a quem entregam parte do salário. Saem as descobertas e as experiências científicas e entram os duendes, anjos e bruxos"[1]. A questão do fim do mundo, tal como é normalmente difusa, parece voltar à baila, envolta em prestígio, graças a um estratagema bem estudado[2]. No caso concreto, tratar-se-ia de uma típica técnica de dominação ocidental.

Por outro lado, esta não parece ser uma questão que preocupe a maioria das pessoas, a ponto de suspeitarmos: esta temática realmente inquieta as pessoas, ou não passa de um modismo que teima em voltar sempre? Afinal, quer alguém tenha marcado ou não o dia do fim do mundo, quer algumas das 'profecias' dos videntes tenham-se realizado ou não, as pessoas não vivem como se uma catástrofe iminente pudesse irromper de repente. Estariam todos, como nos tempos de Noé, "comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento", sem perceberem que chegara a hora de entrar na arca (Mt 24,38)?

1. Isaias RAW. Em defesa da razão, in *Veja*, 4.09.1996, p. 114.

2. Cf. Olavo de CARVALHO. *O Imbecil Coletivo*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1996, p. 71, nota 30.

2. Vantagens do fim do mundo

Falar do fim do mundo de forma aterrorizante (terrorismo psicológico), anunciar o fim do mundo como quem dá uma receita testada de bolo[3] pode ser muito proveitoso para certos grupos, pois, sabendo que nada disso está prestes a acontecer, promovem a ilusão, o medo, a incerteza nas massas, e enquanto estas se ocupam em construir sua arca imaginária, ou põem-se a olhar para os céus à espera do disco voador, da nave espacial que as resgatará, ou ainda, encurtam a espera e facilitam a viagem através dos muitos suicídios coletivos, os espertinhos vão construindo seu mundo, tomando conta do mundo e dele se aproveitando.

Mas os pobres, os humildes também esperam um fim do mundo, e esta expectativa é importante, pois pode constituir-se num seu modo específico de lutar: "O anúncio apocalíptico de que o mundo vai desaparecer é um 'tapa de luva' nos que pensam que podem continuar gozando de sua posição confortável e exploradora neste mundo. O anúncio do fim do mundo é um modo que os pobres têm para contestar o sistema de opressão, onde os pobres só perdem, e um modo de resistir ao desespero, confiando na palavra e no socorro de Jesus, pois 'céus e terra passarão, mas minha palavra não passará'"[4].

3. A voz da Bíblia

Se as únicas vozes ouvidas fossem as dos profetas de fim do mundo, cujas previsões quase nunca se verificam, talvez fosse mais fácil desmascará-los ou fazê-los calar. No entanto, a estes vem juntar-se a voz autoritativa, respeitada e venerada da Bíblia, ao que parece, a grande inspiradora da maioria dos movimentos messiânicos e milenaristas.

Seria o caso, portanto, de indagar de forma criteriosa e profunda o que realmente a Bíblia diz ou ensina sobre o assunto, e se o diz realmente. De maneira ainda mais específica, caberia perguntar se o próprio Jesus disse ou ensinou algo sobre o fim do mundo.

É quase ocioso advertir o leitor que, embora reconheçamos a necessidade de trilhar tais caminhos, não é nossa intenção tomar qualquer um deles no exíguo espaço deste artigo. Queremos ater-nos apenas a dois textos bíblicos veterotestamentários, contidos no livro do Gênesis, que se ligam mais diretamente à questão do fim do mundo – castigo e punição: trata-se da questão do dilúvio e da destruição da cidade de Sodoma (e Gomorra).

Em se tratando de uma reflexão, naturalmente não faremos um estudo exegético exaustivo de tais textos. Queremos mostrar que a mensagem aí contida é de esperança e não de pavor e ameaça. Aqueles que se utilizam de tais episódios para vaticinar o fim do mundo, próximo ou remoto, como uma catástrofe medonha, passam ao largo do

3. Cf. *IstoÉ*, 1388, 08.05.96, p. 118.

4. Luiz Carlos SUSIN. O fim do mundo, in *Família Cristã*, nº 721, janeiro de 1996, p. 38.

propósito dos ensinamentos bíblicos. Nosso objetivo é dizer uma palavra – não necessariamente nova – tentando recordar que existe uma outra perspectiva, outra ótica sob a qual as coisas podem ser encaradas. Esta perspectiva é reforçada pela expressiva idéia contida no Novo Testamento a respeito do 'fim do mundo': trata-se de um fim-meta, engendrado em meio a pelejas e lutas que se assemelham às dores de um parto.

I. A estória do dilúvio: um mundo que não teve fim

Basear-se na Bíblia para provar o fim do mundo no passado, com água, e no futuro, com fogo, tem sido um expediente a que muita gente recorre para dar ênfase, apoio e credibilidade a suas afirmações[5]. Usualmente, apela-se para a estória do dilúvio ou da destruição de Sodoma e Gomorra como exemplos do castigo de Deus contra os pecadores.

No caso do dilúvio, o motivo parece ter sido o caos social reinante: os filhos dos deuses se engraçaram com as lindas filhas dos homens, das quais nasceram gigantes, valentes; grande era a maldade do homem sobre a terra, e todo desígnio de seu coração era mau: "A terra se perverteu diante de Deus e encheu-se de violência. Deus viu a terra: estava pervertida, porque toda carne tinha uma conduta perversa sobre a terra" (Gn 6,12). O dilúvio parecia justo e necessário.

1. A justiça: arca de salvação

Deixando de lado os paralelos com narrativas semelhantes em outras culturas, bem como o empréstimo que a Bíblia faz à ideologia babilônica do tempo do exílio – os deuses ameaçavam com o dilúvio a desobediência aos seus representantes 'legítimos', ou seja, o imperador – podemos afirmar que o dilúvio jamais aconteceu nos termos em que a Bíblia o coloca. De acordo com um dos maiores estudiosos do AT, "a narrativa bíblica do dilúvio não mostra as características de um acontecimento que tenha tido lugar sobre a terra".[6]

Estamos lidando com uma narrativa dos tempos primevos, situada no contexto da história da criação do ser humano. A mensagem do dilúvio seria esta: *ao lado da criação da humanidade jaz a possibilidade de sua destruição, mas logo de saída é deixada uma via de salvação: uma vida segundo a justiça.* A casa daquele que pratica a justiça e obedece aos mandamentos de Deus transforma-se numa arca de salvação: "Noé encontrou graça aos olhos de Javé. (...) Noé era um homem justo, íntegro entre

5. Ultimamente foi publicado um livro (*The Bible Code*) que pretende descobrir mensagens cifradas no texto bíblico (cf. *Veja*, 11 de junho, 1997, p. 44), adjetivado de "cascata bíblico-cibernética" pela própria revista. A respeito do mesmo livro, reputado já como fenômeno de vendas, vale a observação de Eduardo Gastor Borgonovi no *Jornal do Commercio*, Recife, 8 de junho de 1997: "Por que nós, humanos, nos interessamos tanto por mensagens cifradas nos textos bíblicos quando mal nos preocupamos em cumprir as outras, claras e explícitas? As mensagens não codificadas da Bíblia são simples e diretas. Pedem-nos atitudes bem definidas e construtivas como não matar, honrar pai e mãe, não roubar, ter um comportamento sexual adequado, respeitar as pessoas".

6. Claus WESTERMANN. *Genesis 1-11 – A Commentary*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984, p. 394.

seus contemporâneos, e andava com Deus" (Gn 6,8-9b). Noé, porém, não entrou sozinho na arca, mas com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, mostrando assim que não se tratava de uma salvação individual, mas de toda uma comunidade. Tal comportamento de justiça se reflete no trato com a natureza: toda ela é bem-vinda na casa-arca: nada escapa, de forma que, se a Bíblia afirma: "... desapareceram todos os seres que estavam na superfície do solo, desde o homem até os animais, os répteis e as aves do céu" (Gn 7,23), ao mesmo tempo mostra que um outro mundo, igualzinho ao anterior, pôde mais uma vez vir à luz (saiu da arca): "Sai da arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos contigo. Todos os animais que estão contigo, tudo o que é carne, aves, animais e tudo o que rasteja sobre a terra, faze-os sair contigo: que pululem sobre a terra, sejam fecundos e multipliquem-se sobre a terra" (Gn 8,16-17). É como se Deus estivesse criando tudo de novo e fazendo nova aliança com o homem. A estória do dilúvio é a expressão básica do ser-no-mundo do homem, da ameaça à existência humana, mas também de sua sobrevivência.

A narrativa do dilúvio assemelha-se ao 'começo das dores' de que falará mais tarde o evangelho, num colorido mais apocalíptico (Mt 24,4-16); não foi o fim do mundo nem da humanidade em geral (se assim fora, não teria restado ninguém para contar a história). Podemos dizer que foi o fim *de um determinado mundo,* de um tipo específico de sociedade – aquela baseada na violência, na imoralidade, na amoralidade, na injustiça. Mas é em meio a esta ambigüidade que a *nova* sociedade deve ser construída: a arca nada mais é do que uma nova mentalidade, um novo modo de as pessoas se relacionarem entre si, com a natureza e o cosmos, e com Deus. No entanto, esta atitude, a que a Bíblia chama de justiça, é algo ainda frágil e quebradiço como uma arca de madeira; é como um vaso de barro, contendo um precioso tesouro: nisto se manifesta o poder de Deus (cf. 2Cor 4,7).

2. A misericórdia de Deus: única e verdadeira salvação

Há sempre quem queira amedrontar as pessoas, ameaçá-las com castigos divinos, reduzindo-as à submissão. A Bíblia, neste ponto, é muito lúcida, pois, se no início parece seguir a lógica de que realmente paira uma ameaça sobre a humanidade *por causa do* pecado, e, portanto, como um castigo de Deus, ao mesmo tempo, de forma impressionantemente realista, abandona o romantismo idílico de que o ser humano possa ser inteiramente justo, e se entrega à gratuidade de Deus, que perdoa e salva unicamente porque é a misericórdia por excelência. Destarte, a narrativa do dilúvio termina com uma afirmação surpreendente e desconcertante: *precisamente porque todo desígnio do coração humano é mau*, Deus não mais destruirá o mundo (Gn 8,21)! Isto significa que o texto sequer idealiza os que se salvaram na arca: "Não transpõe a família para nenhum espaço idílico, romântico, isento de conflitos e tensões. Pelo contrário, para a história do dilúvio a família é uma instituição deveras frágil, exposta a múltiplas agressões. O texto admite expressamente estas insuficiências. Mas apesar

disso confia nas possibilidades da casa para ir superando e mantendo sob controle os impasses que forem surgindo"[7].

Que o convívio das pessoas entre si, com a natureza e com o próprio Deus jamais foi ideal se vê pelo que se segue: o homem será o "medo e o pavor de todos os animais da terra e de todas as aves do céu, como de tudo o que se move na terra e de todos os peixes do mar" (Gn 9,2): os animais e as plantas servirão de alimento ao homem; serão mortos, triturados. A ameaça de castigo para aquele que derramar o sangue do homem nasce de fatos concretos (Gn 9,6), e até mesmo a relação de pais e filhos vem marcada pela corrupção e transgressão: o filho que vê a nudez de Noé, e, além disso, a exagerada punição (maldição) por parte do pai por uma coisa tão simples e acidental (cf. Gn 9,20s).

Portanto, o texto do Gn não autoriza ninguém a falar de destruição do mundo, nem de uma salvação de um grupo de bonzinhos. Trata-se de um texto que sabe das possibilidades criativas e destruidoras do ser humano, mas aposta em sua capacidade de ir superando seus limites, ancorados na fé no seu Deus.

Para aqueles que teimam em prever e anunciar o fim do mundo, mesmo que tal fato tivesse acontecido, tomando-se o texto bíblico tal como é, estes deveriam ser coerentes com o próprio texto, pois nele Deus afirma expressamente: "Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância; nunca mais destruirei todos os viventes, como fiz" (Gn 8,21).

II. Sodoma e Gomorra: antítese da nova sociedade

A partir da impressionante narrativa bíblica, Sodoma e Gomorra se tornaram símbolos de vício e iniqüidade, e sinônimos de aniquilação completa, de castigo irrevogável de Deus: o clamor contra tais cidades era tão grande que o Senhor precisou descer para verificar (Gn 18,21-22). Tendo constatado a realidade, "o Senhor fez chover enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra. Isto vinha do céu e do Senhor. Ele destruiu essas cidades, todo o Distrito, todos os habitantes das cidades e a vegetação do solo" (Gn 19,24-25).

Aqui não se trata de um fim do mundo em geral, mas do mundo civilizado, o universo das grandes cidades, por quem os textos bíblicos mais antigos nutrem desvelada antipatia.

1. O conflito entre campo e cidade

O surgimento do cultivo do campo (agricultura) deu-se num ambiente marcadamente pastoril e nômade; as duas formas de vida dificilmente se compaginavam, pois, enquanto os pastores não se fixavam na terra, os agricultores foram os

7. Milton SCHWANTES. *Projetos de Esperança – meditações sobre Gênesis 1-11* ("Deus Conosco"). Petrópolis: Ed. Vozes; São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1989, p. 48-49.

precursores das cidades. Desde o início esses dois modos de vida entraram em conflito, como o retrata a narrativa de Abel e Caim. Mais tarde, a cidade será uma ameaça tanto aos pastores quanto aos agricultores.

A narrativa da destruição de Sodoma e Gomorra deve ser lida em contraste com o pano de fundo de um tal conflito: "Sabemos que vida e trabalho na sociedade veterotestamentária são marcados pela oposição entre cidade e campo. A cidade basicamente tem a função de servir como burgo e fortaleza para as pessoas mais abastadas. Moradores da cidade, isto é, cidadãos, são: corte real, altos funcionários, comandantes militares, sacerdotes, grandes comerciantes, latifundiários. O campo abriga, em pequenas vilas, sem muros, quem trabalha na roça, os camponeses, sejam eles livres (isto é, 'proprietários' de terra), ou meeiros, servos, diaristas, sem-terra, escravos. A ampla maioria da população vive no campo e não nas cidades protegidas por muros"[8].

Dado que as cidades exerciam o domínio sobre o campo basicamente através do recolhimento do tributo e do recrutamento do trabalho forçado, eram vistas como um reduto de iniqüidade, "criminosos que pecavam gravemente contra o Senhor" (Gn 13,13). Não admira, portanto, que a narrativa carregue nas cores ao descrever o comportamento dos citadinos, incluindo aí "desde o mais moço até o mais velho, o povo inteiro sem exceção" (Gn 19,4).

2. Abraão, o anfitrião

Abraão é um seminômade, sentado à entrada de sua tenda, na hora do maior mormaço do dia. Trata-se de um momento de letargia, de indolência, quando não se tem vontade de fazer nada. No entanto, ao ver os visitantes, Abraão "correu da entrada da tenda ao encontro deles, prostrou-se em terra e disse: 'Meu Senhor, se pude encontrar graça a teus olhos, digna-te não passar longe de teu servo'". Que se traga um pouco d'água para lavar-vos os pés, e descansai debaixo desta árvore. Vou trazer um pedaço de pão; refazei vossas forças antes de irdes adiante, pois passastes na casa de vosso servo" (Gn 18,2-5). Abraão ainda corre, ele mesmo, a apanhar um vitelo bem tenro e serve pessoalmente aos hóspedes. Até aqui, ele não demonstra ter consciência de estar acolhendo mensageiros divinos (eufemismo bíblico para não mencionar o próprio Deus); está apenas exercendo aquela proverbial e conhecida hospitalidade dos nômades, à qual a Carta aos Hebreus fará referência: "Não esqueçais a hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem saber, acolheram anjos" (Hb 13,2). É graças a esta acolhida cordial que Abraão recebe a promessa de um filho, a certeza de que através dele a vida continuará.

3. Abraão, o intercessor

Tal como na estória de Noé, Abraão é colocado como o homem justo, parceiro de uma aliança com Deus, futuro pai de uma geração que deveria observar o caminho

8. Milton SCHWANTES. *A Família de Sara e Abraão – texto e contexto de Gênesis 12–25*. Petrópolis: Ed. Vozes; São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1986, p. 18.

do Senhor, "praticando a justiça e o direito" (Gn 18,18); o Senhor não acha correto ocultar ao seu servo o destino reservado às cidades pecadoras.

Considerando os elementos presentes em Gn 18,16-33 e a conclusão da narrativa, seria oportuno começar perguntando: *por quem realmente Abraão intercedeu?*[9] Parece claro que foi por Sodoma, embora não mencione o nome da cidade, falando apenas de salvar o lugar (v. 24). No versículo seguinte, porém, reputa como atitude impensável da parte de Deus fazer o justo morrer junto com o culpado, fazer acontecer ao justo o mesmo que ao culpado. Não parece incluir aqui o perdão do pecador por mérito do justo. Esta possibilidade, contudo, volta na continuação do texto: "Se eu encontrar em Sodoma cinqüenta justos dentro da cidade, por causa deles perdoarei toda a cidade" (v. 26).

Ora, o que realmente é desconcertante é o fato de que esta prece *parece não ter sido ouvida,* pois no capítulo 19 Sodoma e Gomorra foram totalmente destruídas. Ló e sua família, porém, não mencionados no texto, nem adjetivados como justos, foram salvos (exceto sua mulher).

4. Ló, uma luz numa cidade escura

A narrativa de Gn não diz que Ló era justo, mas o mostra agindo como tal: quando os mensageiros de Deus chegam à cidade, Ló os acolhe como fizera Abraão: estava sentado à porta da cidade, levantou-se e lhes foi ao encontro, prostrou-se em atitude de serviço, insistindo com os estrangeiros a que desviassem o caminho e pernoitassem em sua casa, onde lhes prepara uma refeição. A princípio, os enviados recusaram o convite, mas, diante das insistências de Ló, concordaram (Gn 19,1-4). Quando os habitantes da cidade chegam e insistem em fazer mal aos visitantes, Ló os defende como pode, oferecendo-lhes até as próprias filhas à sanha dos seus concidadãos. Estes, radicalizando ainda mais sua rejeição para com os estrangeiros, lembram a Ló que ele também não passa de um migrante que ousa arvorar-se em juiz de erros (Gn 19,9). Somente graças aos dois hóspedes é que Ló se salva das mãos de seus inimigos.

De início, os parentes de Ló pensavam que ele estivesse gracejando ao falar da destruição da cidade (v. 14), e o próprio Ló parecia relutante em deixar sua casa, pois os mensageiros tiveram de insistir para que saísse, e, ante sua demora, puxaram-no pela mão, para que não perecesse por culpa da cidade, pois o Senhor tinha compaixão dele (Gn 19,15-16). Aqui, mais uma vez, sobressai a verdade de que a salvação é puramente obra da misericórdia de Deus e não mérito do homem, seja Abraão, seja Ló.

5. O pecado das cidades: a não hospitalidade

Costuma-se fazer uma leitura exageradamente moralista do pecado das cidades de Sodoma e Gomorra, restringindo sua iniqüidade à perversão sexual. No entanto,

9. Paulo Ferreira VALÉRIO. *Gn 18,16-33: For whom did Abraham plead?* Pontifical Biblical Institute, Rome, 1990 (tese de mestrado).

este é apenas um aspecto da estrutura de pecado que sustentava as relações das pessoas citadinas; era apenas um entre os muitos modos de exploração e de exclusão. O verdadeiro e grande pecado de tais cidades, aquilo que lhes causou a destruição foi a não hospitalidade, a rejeição aos enviados de Deus, a obstinação em aproveitar-se de tudo e de todos para a saciedade de seus instintos e desejos, desrespeitando os mais elementares e sagrados direitos das pessoas, como, no caso, o teto de alguém e aqueles que ali se abrigam.

Não residiria aí, exatamente, o imperdoável pecado contra o Espírito Santo de que falará o Senhor no evangelho? – "Em verdade eu vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e as blasfêmias, por mais que as tenham proferido. Mas se alguém blasfema contra o Espírito Santo, fica para sempre sem perdão; é réu de pecado para sempre" (Mc 3,28-29). Uma tal dureza de coração, uma tão profunda contaminação da mentalidade e do coração tornava aquela gente cega e surda a qualquer apelo do Espírito.

Esta atitude de não acolhida, rejeição e violência será objeto de reprimenda e ameaça da parte do Senhor sobre a Cidade Santa: "Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis reunir os teus filhos como uma galinha reúne os seus pintinhos sob as asas, e vós não quisestes. Pois bem, vossa casa será deixada deserta!" (Lc 13,34-35).

A dureza de coração da cidade não acolhedora faz o Senhor derramar lágrimas e lamentar-se de maneira comovente: "Se tu também tivesses sabido, neste dia, como achar a paz!... Mas infelizmente isto ficou oculto aos teus olhos! Sim, dias virão para ti em que teus inimigos estabelecerão contra ti obras de assédio: eles te cercarão e te apertarão de todos os lados; eles te esmagarão a ti e aos teus filhos no meio de ti; e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que foste visitada" (Lc 19,42-44).

Ilustrando ainda que *o maior pecado das pessoas não é pecar, mas sim, não acolher o perdão de Deus, a visita de Deus*, temos ainda este lamento no evangelho de João: "Ele veio para o que era seu, e os seus não o acolheram" (1,11). O problema é tanto mais sério quanto as pessoas não só não acolhem o Senhor, mas até mesmo desdenham seus convites e chamados, dando desculpas esfarrapadas (cf. Lc 14,15-23).

Ora, na pessoa daqueles mensageiros peregrinos, Deus mesmo resolve fazer uma visita às cidades acusadas de pecadoras: "Devo descer para ver se fizeram tudo o que diz o clamor que chegou a mim. Sim ou não, eu o saberei". Esta visita não tem o propósito inicial de castigar, mas de verificar, de até mesmo apelar à conversão, pois o julgamento de Deus não se dá, como sói acontecer entre as pessoas, pelo ouvir dizer ou ouvir falar (Is 11,3); ele decide ver pessoalmente do que se trata; desce para a cidade. Não estaria neste gesto uma última chance? Aquele número reduzido de justos que Abraão cogitava existir não estaria numa última possibilidade de acolhida?

6. Resposta à prece de Abraão

Os homens, finalmente, se dirigem a Sodoma, e Abraão entra com sua prece. Enquanto caminham, parecem esticar o tempo em que deverão chegar à cidade. A narrativa, propositadamente, não faz os anjos voar, chegar o mais rápido possível. Faz rodeios: os mensageiros vão primeiro até a tenda de Abraão, param para alimentar-se e repousar; somente depois é que voltam os olhos e os passos para a cidade. Paralelamente a esse retardamento calculado, a narrativa ainda introduz a comovente prece de Abraão diante de um Deus tremendamente paciente, levemente irônico.

A oração de Abraão parece seguir um ritmo que tenta retardar o máximo possível o provável castigo da cidade. Abraão poderia ter ido direto ao assunto, ao número mínimo, mas prefere ir barganhando com Deus, como quem se arrisca em um jogo, apostando em um número cada vez menor de justos, e a gente se pergunta até aonde ousará chegar. E Deus, um tanto zombeteiro, segue-lhe docilmente o jogo, prometendo poupar a cidade.

Quando chegam à cidade, os mensageiros não têm pressa: querem passar a noite na praça, a observar, e mesmo depois do violento desencontro com os cidadãos, sobre estes não cai logo o flagelo: primeiro advém-lhes uma cegueira, algo como uma admoestação. Somente ao amanhecer, quando o sol se levantou e quando Ló já estava a salvo numa pequenina cidade, quando os habitantes não demonstraram nenhum sinal de esperança, então sobrevém a punição.

Esta é a resposta à prece de Abraão: do meio das cinzas da destruição, um grupo se salvou – Ló e seus familiares –, uma pequenina cidade – Segor – foi poupada, a vida podia recomeçar, uma sociedade nova, uma cidade nova podia surgir: "Ora, quando Deus destruiu as cidades do Distrito, lembrou-se de Abraão e retirou Ló do meio do flagelo ao destruir as cidades em que Ló habitava" (Gn 19,29).

7. Noé, Abraão e Ló: o mundo está salvo

A prática da justiça e da hospitalidade foram a arca e o abrigo construídos em meio a situações de ruína. Este é o caminho que a Escritura nos aponta como possibilidades de um mundo novo, gestado entre dores. A hospitalidade, tão necessária e decisiva para os viajantes na Antigüidade, não caiu de moda. Será sempre um desafio. O próprio Jesus fez depender dessa atitude a salvação: ilustram-no bem as muitas parábolas que contou: a do bom samaritano (Lc 19,34); a do amigo que se deixa incomodar (11,5); a dos convidados ricos que recusam o convite, enquanto os pobres aceitam o convite do Senhor (14,12), e na avaliação do juízo final, a hospitalidade a um dos mais pequeninos é um modo de acolher o próprio Jesus (Mt 25,35-43). Enquanto existir gente como Noé, Abraão e Ló o mundo estará salvo. Esta salvação, porém, se dá como que em meio às dores de um parto.

Conclusão: um mundo gestado entre dores de parto

A análise dos episódios bíblicos contidos no Gênesis nos mostrou que no processo histórico, em meio a um mundo que está prestes a ruir, surgem os alicerces de uma nova sociedade; enquanto um mundo perece, um outro renasce. Este *novo mundo* é construído pelas pessoas que vivem e trabalham no mundo que está em ruínas; não se trata de pessoas ou comunidades alienígenas ou pretensamente perfeitas, mas de gente comum que, entre lutas e dúvidas, deixa-se tocar pelo apelo de Deus e aceita ser salva por ele. Esta dinâmica está expressa eloqüentemente no Novo Testamento na imagem da gestação e do parto – o movimento próprio da vida.

Os textos que usam uma linguagem simbólica não querem desviar nossa atenção para os fatos descritos – terremotos, guerras etc. – mas simplesmente ilustrar de outra forma as dores em meio às quais a vida nova, o Reino de Deus germina, nasce, cresce e dá seu fruto.

1. *A perspectiva apocalíptica e a perspectiva escatológica*[10]

Os textos neotestamentários que apontam para um fim-destruição, quando então Deus criará algo novo sozinho, um mundo novo situado no futuro, dão conta da perspectiva dita apocalíptica, que usa a linguagem típica dessa literatura, marcadamente simbólica e grandiloqüente. Outros textos, porém, mostram Deus agindo na história, instaurando o novo no presente: o novo sol, que não conhece ocaso, já irrompeu – a vida, a ressurreição – esta é a ótica escatológica, que mantém a tensão do já realizado do ainda não plenificado. Não existe necessariamente uma destruição catastrófica, medonha. O que se dá é uma transformação – a morte é simplesmente uma porta, mas não é, de modo algum, o porto, o ancoradouro do caminhar humano com Deus. A vida, a ressurreição, sim: este é o fruto do parto, este é o porto.

Costuma-se dar por demais ênfase à perspectiva apocalíptica, chutando-se o futuro do homem e do mundo para um incerto além, sem perceber que o novo já está, incoativamente, presente e atuante na história. Ao falarmos de 'fim do mundo', tomemos tal palavra como *destinação* da pessoa humana e da natureza, que é repousar em Deus.

2. *A figura deste mundo passa (1Cor 7,31)*

Todo nascimento comporta certa dor, sofrimento, destruição de um arranjo existencial e surgimento de um outro esquema. São as dores do parto, que são apenas o começo, não o fim. Aqueles que vivem da fé, tateiam na penumbra, gemem acabrunhados, aspirando a revestir-se da vida (2Cor 5,4), e a própria criação, misteriosamente, toda inteira "geme ainda agora nas dores do parto. E não só ela: também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. Pois nós fomos salvos, mas o fomos em esperança" (Rm 8,22-23).

10. Cf. Renold J. BLANK. *Nosso Mundo tem futuro*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 14.

A convicção cristã de que nossa tenda será desfeita (2Cor 5,1), de que a figura deste mundo passa (1Cor 7,31), de que somos peregrinos e forasteiros é, por outro lado, realista e proveitosa, pois nos faz ter a certeza de que o mal não durará para sempre, de que o reino da iniqüidade cairá. Quanto a nós, enquanto nosso ser exterior se encaminha para a ruína, nosso ser interior se renova dia a dia; se a nossa morada, que não passa de uma tenda, vem a destruir-se, Deus, e unicamente Ele, nos constrói uma morada eterna nos céus que não é feita por mãos humanas (2Cor 4,16; 5,1).

Para que não tenhamos ilusões, para que não sonhemos romanticamente formar um grupo com pretensões messiânicas, que se julga 'perfeito' ou 'justo', capaz de salvar a si e aos demais, a fim de que recordemos que a salvação é dom gratuito de Deus, Jesus adverte: "O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; os filhos se insurgirão contra os seus pais e os farão condenar à morte. Sereis odiados por todos por causa do meu nome. (..) E então muitos sucumbirão; entregar-se-ão uns aos outros, odiar-se-ão entre si. (...) Devido à crescente iniqüidade, o amor arrefecerá na maioria" (Mt 10, 21-22; 24,10.12). O único maior empenho que Jesus nos pede é: perseverar até o fim, na justiça, na prática da hospitalidade, dizendo 'bem-vindas todas as coisas e todas as pessoas', numa tentativa de reconciliação profunda para a celebração da festa da fraternidade universal[11].

Tampouco devemos deixar-nos enganar pela multidão de falsos profetas que surgem de quando em vez, fazendo das guerras e rumores de guerras, fomes e terremotos, violência, ódio e perseguição terrores e castigos infligidos por Deus às pessoas. Não! Tudo isso é apenas o começo das dores do parto (Mt 24,8), e não o fim do mundo e da história. O curioso é que costumamos pensar o parto como um sofrimento isolado, cujas dores se vão intensificando tal qual tortura insuportável, como se o parto fosse o porto, a meta de chegada. No entanto, é preciso olhar para além e perceber: o fruto do parto entre dores é uma vida nova, um raio de esperança e de luz; a promessa e a certeza da vitória da vida sobre a morte. É nesse sentido que devemos encarar os acontecimentos do mundo: "Ignoramos o tempo da consumação do universo. Passa certamente a figura deste mundo, deformada pelo pecado (1Cor 7,31), mas aprendemos que Deus prepara morada nova e nova terra. Depois que propagarmos na terra, no Espírito do Senhor e por sua ordem, os valores da dignidade humana, da comunidade fraterna e da liberdade, todos estes bons frutos da natureza e do nosso trabalho, nós os encontraremos novamente, limpos contudo de toda impureza, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o reino eterno e universal: reino de verdade, de vida, de amor e de paz. O Reino já está presente em mistério aqui na terra. Chegando o Senhor, ele se consumará"[12].

Paulo Ferreira Valério
Pç. D. Vital, 169 – São José
50020-280, Recife, PE

11. Leonardo BOFF. *O Destino do Homem e do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 21.

12. *Gaudium et Spes*, 39.

Conclusão: um mundo gestado entre dores de parto

A análise dos episódios bíblicos contidos no Gênesis nos mostrou que no processo histórico, em meio a um mundo que está prestes a ruir, surgem os alicerces de uma nova sociedade; enquanto um mundo perece, um outro renasce. Este *novo mundo* é construído pelas pessoas que vivem e trabalham no mundo que está em ruínas; não se trata de pessoas ou comunidades alienígenas ou pretensamente perfeitas, mas de gente comum que, entre lutas e dúvidas, deixa-se tocar pelo apelo de Deus e aceita ser salva por ele. Esta dinâmica está expressa eloqüentemente no Novo Testamento na imagem da gestação e do parto – o movimento próprio da vida.

Os textos que usam uma linguagem simbólica não querem desviar nossa atenção para os fatos descritos – terremotos, guerras etc. – mas simplesmente ilustrar de outra forma as dores em meio às quais a vida nova, o Reino de Deus germina, nasce, cresce e dá seu fruto.

1. A perspectiva apocalíptica e a perspectiva escatológica[10]

Os textos neotestamentários que apontam para um fim-destruição, quando então Deus criará algo novo sozinho, um mundo novo situado no futuro, dão conta da perspectiva dita apocalíptica, que usa a linguagem típica dessa literatura, marcadamente simbólica e grandiloqüente. Outros textos, porém, mostram Deus agindo na história, instaurando o novo no presente: o novo sol, que não conhece ocaso, já irrompeu – a vida, a ressurreição – esta é a ótica escatológica, que mantém a tensão do já realizado do ainda não plenificado. Não existe necessariamente uma destruição catastrófica, medonha. O que se dá é uma transformação – a morte é simplesmente uma porta, mas não é, de modo algum, o porto, o ancoradouro do caminhar humano com Deus. A vida, a ressurreição, sim: este é o fruto do parto, este é o porto.

Costuma-se dar por demais ênfase à perspectiva apocalíptica, chutando-se o futuro do homem e do mundo para um incerto além, sem perceber que o novo já está, incoativamente, presente e atuante na história. Ao falarmos de 'fim do mundo', tomemos tal palavra como *destinação* da pessoa humana e da natureza, que é repousar em Deus.

2. A figura deste mundo passa (1Cor 7,31)

Todo nascimento comporta certa dor, sofrimento, destruição de um arranjo existencial e surgimento de um outro esquema. São as dores do parto, que são apenas o começo, não o fim. Aqueles que vivem da fé, tateiam na penumbra, gemem acabrunhados, aspirando a revestir-se da vida (2Cor 5,4), e a própria criação, misteriosamente, toda inteira "geme ainda agora nas dores do parto. E não só ela: também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. Pois nós fomos salvos, mas o fomos em esperança" (Rm 8,22-23).

10. Cf. Renold J. BLANK. *Nosso Mundo tem futuro*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 14.

A convicção cristã de que nossa tenda será desfeita (2Cor 5,1), de que a figura deste mundo passa (1Cor 7,31), de que somos peregrinos e forasteiros é, por outro lado, realista e proveitosa, pois nos faz ter a certeza de que o mal não durará para sempre, de que o reino da iniqüidade cairá. Quanto a nós, enquanto nosso ser exterior se encaminha para a ruína, nosso ser interior se renova dia a dia; se a nossa morada, que não passa de uma tenda, vem a destruir-se, Deus, e unicamente Ele, nos constrói uma morada eterna nos céus que não é feita por mãos humanas (2Cor 4,16; 5,1).

Para que não tenhamos ilusões, para que não sonhemos romanticamente formar um grupo com pretensões messiânicas, que se julga 'perfeito' ou 'justo', capaz de salvar a si e aos demais, a fim de que recordemos que a salvação é dom gratuito de Deus, Jesus adverte: "O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; os filhos se insurgirão contra os seus pais e os farão condenar à morte. Sereis odiados por todos por causa do meu nome. (..) E então muitos sucumbirão; entregar-se-ão uns aos outros, odiar-se-ão entre si. (...) Devido à crescente iniqüidade, o amor arrefecerá na maioria" (Mt 10, 21-22; 24,10.12). O único maior empenho que Jesus nos pede é: perseverar até o fim, na justiça, na prática da hospitalidade, dizendo 'bem-vindas todas as coisas e todas as pessoas', numa tentativa de reconciliação profunda para a celebração da festa da fraternidade universal[11].

Tampouco devemos deixar-nos enganar pela multidão de falsos profetas que surgem de quando em vez, fazendo das guerras e rumores de guerras, fomes e terremotos, violência, ódio e perseguição terrores e castigos infligidos por Deus às pessoas. Não! Tudo isso é apenas o começo das dores do parto (Mt 24,8), e não o fim do mundo e da história. O curioso é que costumamos pensar o parto como um sofrimento isolado, cujas dores se vão intensificando tal qual tortura insuportável, como se o parto fosse o porto, a meta de chegada. No entanto, é preciso olhar para além e perceber: o fruto do parto entre dores é uma vida nova, um raio de esperança e de luz; a promessa e a certeza da vitória da vida sobre a morte. É nesse sentido que devemos encarar os acontecimentos do mundo: "Ignoramos o tempo da consumação do universo. Passa certamente a figura deste mundo, deformada pelo pecado (1Cor 7,31), mas aprendemos que Deus prepara morada nova e nova terra. Depois que propagarmos na terra, no Espírito do Senhor e por sua ordem, os valores da dignidade humana, da comunidade fraterna e da liberdade, todos estes bons frutos da natureza e do nosso trabalho, nós os encontraremos novamente, limpos contudo de toda impureza, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o reino eterno e universal: reino de verdade, de vida, de amor e de paz. O Reino já está presente em mistério aqui na terra. Chegando o Senhor, ele se consumará"[12].

Paulo Ferreira Valério
Pç. D. Vital, 169 – São José
50020-280, Recife, PE

11. Leonardo BOFF. *O Destino do Homem e do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 21.

12. *Gaudium et Spes*, 39.